

TREINAMENTO OU PREPARO DE PESSOAL DOCENTE

Prof. Léo Werner Süffert

Catedrático, Chefe do Depto. de Mat.
Dentários da Fac. Odont. da
Univ. Fed. R. G. Sul

SINOPSE

Necessidade de uma formação específica de pessoal docente de ensino superior, visando melhor compreensão do processo ensino-aprendizagem.

No Brasil, importante a ação da ABENO e CAPES, estabelecendo «Centros de Treinamento» onde o professor (instrutor ou assistente) dedica-se integralmente aos mais variados aspectos do ensino em seu setor. Tais «Centros de Treinamento», escolhidos pela excelência do ensino ministrado, devem preocupar-se com a tecnologia educacional. Cursos relacionados com Tecnologia Educacional devem ser ministrados regularmente, objetivando um preparo sistemático e obrigatório do pessoal docente.

«O problema de formação de professores é altamente explosivo. Lançado em qualquer assembléia acadêmica: o ar instantaneamente enche de estilhaços de dignidade humana, de gritos de triunfo e desespero.»
(8)

Se, no entanto, fizermos uma auto-análise conscienciosa, teremos que reconhecer que existem muitas coisas relativas a ensino e aprendizagem, para as quais a formação que tivemos como odontólogos ou cientistas, não nos preparou suficientemente! Eventualmente chegaremos, então, à conclusão a que chegaram no início de 1950, um grupo de professores da Escola de Medicina da Universidade de Búfalo de que: «às vezes, o mais genuíno empenho, mesmo de um professor, pode atrapalhar

Trabalho apresentado como relator em Mesa Redonda durante as 1ras Jornadas Internacionales de Protesis» organizadas pela «Asociacion Prosdontica Argentina» 21, 22 e 23 de setembro, 1967, Buenos Aires, Argentina

os estudantes em seu aprendizado, em lugar de auxiliá-los». (15)

De outro lado, entretanto, e, enquanto não houver uma modificação radical na mentalidade dos que militam no Ensino Superior, continuarão existindo aqueles que acreditam que a combinação certa para a aprendizagem, consiste apenas em um bom aluno e um professor que conheça a sua matéria!

No Brasil, por exemplo, enquanto para lecionar em um curso primário ou secundário, exigem-se entre outros cursos, os de Didática Geral, Didática Especial, Psicologia Educacional, Biologia Educacional, Pedagogia, etc., para lecionar em uma Faculdade de Odontologia, basta o título de Cirurgião-Dentista, como se isto, por si só, nos capacitasse a exercermos a difícil missão de comunicar experiências e conhecimentos científicos a jovens!

Sinceramente, não cremos que, por mais brilhante que seja um odontólogo, um médico ou um engenheiro, possa, sem uma formação específica, neste sentido, colaborar eficientemente no desempenho da verdadeira missão de uma Universidade, a qual é, segundo este grande sábio o Prof. Houssay, a da «Formação intelectual e técnica em um plano superior e é o principal centro de criação, coordenação, conservação e propagação dos conhecimentos». (12)

Na época atual, com a evolução crescente no campo das ciências, já se torna difícil ao professor, manter-se atualizado em sua matéria específica. Segundo o Prof.

Kienzle, Diretor da Escola de Jornalismo da Ohio State University, anualmente, nas cinquenta mil revistas técnico-científicas, são publicados 1.200.000 artigos!!!! (14) As revistas ficam, conseqüentemente, repletas de artigos que não deveriam ter sido publicados e, que tornam difícil ao professor, separar o «jóio do trigo». Além disso, outro aspecto negativo, consiste no linguagem difícil e desnecessariamente complexo que a maioria dos cientistas usa! Não nos queremos referir aqui à linguagem técnica, mas à palavra de uso comum!

Estaria certa a definição de que (22) «o professor é uma pessoa que sabe alguma coisa, ou pensa que sabe alguma coisa, e é pago para transmitir este conhecimento a outra pessoa ou grupo de pessoas, as quais requerem este conhecimento?» Acreditamos que não.

De outro lado, vejamos, o que, segundo SEYFERT (23) a média dos Professores Universitários, acreditava, há **trinta anos passados**, serem as suas OBRIGAÇÕES e RESPONSABILIDADES:

1º) Decidir quais os tópicos a serem cobertos em seu curso e indicar livros texto para acompanhar seus apontamentos.

2º) Ministar um número pré-determinado de «aulas magistrais», suficientemente confusas, a fim de obrigar o aluno a procurar «salvar-se», assistindo religiosamente ao curso e recorrendo às referências indicadas.

3º) Estipular exercícios e outras tarefas, mantendo o aluno ocupado

e, produzindo, supostamente o «aprendizado».

4º) Estipular penalidades ou «castigos» a fim de assegurar a fiel execução das realizações ou exercícios.

5º) Efetuar avaliações ou aferições no sentido de obrigá-los a trabalhar e, principalmente, a fim de atribuir notas ou graus.

6º) Reprovar um número razoável de alunos, a fim de «manter o padrão e a reputação» do departamento, bem como o «respeito» dos estudantes.

7º) Queixar-se da «perversidade» da presente geração de estudantes e da «impossibilidade» de lhes ensinar alguma coisa!»

Como vemos, não houve nestes 30 anos, muitas modificações neste modo de pensar, por parte de muitos professores. Havia, no entanto, já naquela época, exceções, como é o caso do Prof. SEYFERT, que afirmava: «Devemos pensar no aluno como algo mais do que um simples detalhe inanimado participando de um ambiente em que o professor é que é a VEDETA».

Em nosso entender, deve o professor lembrar-se sempre que, sua mais importante função, é a de FACILITAR o aprendizado a seus alunos. Pode-se inclusive, avaliar sua eficiência, conforme sua contribuição neste sentido.

Devemos ter em mente, também, que a relação «ensino-aprendizado» consiste essencialmente numa modificação de atitude mental diante de uma experiência nova, que conduz a uma modificação de comportamento ou conduta, no futuro»!!!

Queremos dar ênfase especial, a pelo menos DUAS grandes responsabilidades do Professor: (2, 4, 6, 15, 17, 25)

1º) Delinear minuciosamente e detalhadamente os objetivos educacionais de sua matéria, no sentido de modificação de atitude mental e modificação de comportamento que a mesma produz.

2º) Desenvolver, pela motivação, o desejo intrínseco do estudante em aprender.

O problema, a necessidade e a importância de treinamento, preparo ou formação de pessoal docente, não é novo nem local, mas universal. (16)

Reconhecemos, geralmente, que ENSINO, PESQUISA e o «STATUS» de uma profissão perante a sociedade, estão intimamente ligados!

Surpreendemo-nos às vezes, ao verificarmos que certos problemas, que julgávamos tão somente nossos, também existem nos países altamente desenvolvidos. Neste sentido, por exemplo, uma Comissão Especial de «American Council on Education» em 1960 conclue que «não se trata de falta de dinheiro, mas de falta de pessoal preparado adequadamente para pesquisa e ensino em Odontologia». Em 1962 havia, segundo o Prof. STOREY, Patologista da Universidade de Melbourne, (24) 600 indivíduos sendo treinados para pesquisa e ensino, em Odontologia nos Estados Unidos!

No mesmo período e, segundo a mesma fonte, havia apenas 3 Dentistas e alguns cientistas empregados

dos em tempo integral para pesquisa e ensino odontológico na Austrália!!

No Brasil, talvez, em menor grau, na atualidade, continuam persistindo as «falhas do Ensino Odontológico» apontado em maio de 1952, durante o «Congresso Universitário Panamericano de Odontologia», realizado nesta cidade de Buenos Aires, pelo Prof. Paulo Osório. (9) Ao abordar, na época, as «deficiências do Professor», dizia: «A falta de cumprimento do dever é exceção entre os professôres universitários brasileiros, sendo a mais desprezível das causas apontadas. Deficiência de conhecimentos e qualidade PEDAGÓGICAS é uma das maiores, se não a maior das falhas do Ensino Universitário no Brasil».

Neste sentido, ainda, a criação desordenada de escolas de nível superior, em grande número, constituem uma tendência condenável que se faz com evidente prejuízo para o padrão do Ensino! Sômente no Estado de São Paulo (26) «entre 1948 e 1957 foram apresentadas à Assembléia Legislativa 83 projetos, visando a criação de igual número de Faculdades». Dentre os motivos que impossibilitariam a criação de novas Faculdades, o autor acima referido salienta: «Não há Professôres nem Assistentes em número suficiente, nem mesmo para as atuais, e que constitue talvez, a falha mais grave. Assistentes, carentes ainda de orientação segura e própria, deixam suas funções para assumir as de Cate-dráticos, para o que, na maioria das vêzes, ainda não estão preparados».

Num simposium sôbre Ensino Odontológico, realizado pela British Dental Association, em Edinburgh, em 1960, reuniram-se renomados educadores no campo odontológico tentando responder à seguinte pergunta: (3) «Estaremos satisfeitos com os métodos presentemente adotados no ensino odontológico? Caso negativo, em que direção devemos orientar eventuais modificações ou melhorias?»

Dentre as conclusões finais encontra-se aquela que recomenda a necessidade de um preparo mais adequado e condizente com as verdadeiras funções de um professor.

É evidente que a responsabilidade dos estudantes é grande, pois lhes cabe reclamar, reivindicar, porém, sempre com conhecimento de causa e com a segurança absoluta de que o que reclamam ou reivindicam é o que convém ao povo e não o que alguma propaganda hábil apresenta como sedutor. (1)

Deve ser assegurada a todos os povos a liberdade acadêmica de investigação e de expressão, liberdade nas orientações progressistas modernas, liberdade das pressões políticas externas e da demagogia estudantil. Para consegui-lo, é imprescindível que se implantem métodos modernos e eficientes que «permitam preparar professôres e pesquisadores de alto nível e com plena dedicação, reformando os procedimentos antiquados e defeituosos». (13)

O treinamento ou preparo de pessoal docente, em odontologia, assume, às vêzes, características específicas, como é o caso de professôres

Para cursos de post-graduação ou de aperfeiçoamento.

Já em 1943 (27) o Prof. Marcus L. Ward, salientava o papel importante que deveria caber às Faculdades, nos cursos de Post-Graduação e de Aperfeiçoamento, que naquela época e, nos Estados Unidos, estavam afetos, quase que totalmente, às Associações de Medicina e Odontologia.

Também neste sentido, requer-se um preparo adicional e específico de Pessoal docente! Aliás, neste particular, é importantíssimo o papel desempenhado pelas «Fundações», na sociedade moderna. (21)

Indiscutível o impacto da pesquisa que se realiza nas Faculdades, sobre os estudantes. (20) Aliás, o primeiro passo, no preparo de pessoal docente, consiste no seu recrutamento. «Devem as escolas propiciar a seu alunos ambientes adequados ao desenvolvimento do gosto pela pesquisa» (17) desta forma atraindo-os para as lides do magistério, futuramente.

«O estudante é, potencialmente, o sucessor do mestre. Como a êstes, cabe, indiscutivelmente, o papel de pesquisadores, devem êles permitir a seus discípulos, pelos menos aos aparentemente mais bem dotados, a participação nessa tarefa». (8) É preciso acabarmos de uma vez por todas, com o mito de que a pesquisa é coisa transcendental, que não está ao alcance de qualquer um!

Atraindo os alunos, através de «bolsas para iniciação à pesquisa», concedidas por Conselhos Regionais ou Nacionais de Pesquisas, estaremos automaticamente iniciando o preparo

de pessoal docente! Posteriormente, à sua formação, deve o aspirante ao magistério, continuar seu treinamento, sempre através de um estudo orientado.

Neste sentido, deu-se um grande passo, no Brasil, com o magnífico trabalho da ABENO, realizando, inicialmente um levantamento da verdadeira situação existente na época, nas Faculdades de Odontologia do Brasil.

Este levantamento (9) foi minucioso, detalhado, trabalhoso, porém e, conseqüentemente, altamente benéfico para a melhoria do padrão de ensino Odontológico que se verificou nos últimos anos no Brasil!!

Por si só, o estabelecimento de «Centros de Treinamento» e, através do auxílio e integração com a CAPES, a concessão de «Bolsas» para instrutores, para um ou dois períodos letivos, justificariam plenamente a existência da ABENO!

Durante o período de duração de sua «bolsa» ou seu estágio em um centro de treinamento, o professor (instrutor ou assistente) habitualmente e em sua maioria de tempo parcial apenas, dedicar-se-á, **integralmente** aos mais variados aspectos do ensino em seu setor.

Não só usufruirá benefícios enormes através de um conhecimento mais amplo e profundo em sua especialidade, mas terá oportunidade de ampliar seus conhecimentos naquilo que alguns chamam hoje em dia de «tecnologia educacional» ou seja «todos os artifícios mecânicos e metodológicos que facilitam a educa-

ção de estudantes — variando desde cursos, horas créditos, instruções planejadas com auxílio de computadores eletrônicos, auto-aprendizado», etc. (10)

Este aspecto da «tecnologia educacional» não poderá ser decuidado pelo «orientador» do estágio durante a duração do mesmo. Muito ao contrário deve ser encarado com muita seriedade, pois esta será talvez, a melhor oportunidade que o professor estagiário terá para dedicar-se a este tipo de aprendizado.

Quando, no Brasil, a ABENO, após o levantamento acima referido, estipulou para as diferentes disciplinas de um curso de Odontologia os «Centros de Treinamento» ou «Aperfeiçoamento», constatou-se que em várias Faculdades, diversas disciplinas foram designadas centros de treinamento, indicando, quer me parecer, a excelência do ensino aí ministrado. Parece-me lícito concluir que, estas Faculdades, por certo já de alguma forma se vinham preocupando com o aspecto «tecnologia educacional» e nelas, estarão funcionando, por certo, anual e normalmente, cursos de post-graduação como: Ensino Odontológico, Utilização de Recursos Audio-Visuais, A elaboração e apresentação de artigos científicos, Bio-Estatística, Orientação para a pesquisa, etc. Estes cursos podem ser apresentados ou orientados por um indivíduo ou indivíduos capacitados para este fim, na própria Faculdade de Odontologia, ou podem ser solicitados, numa demonstração de verdadeira integração universitária, a equipes de outros Ins-

titutos, disciplinas ou Departamentos específicos, na própria Universidade, ou quiçá em outra Universidade. O importante é que se realizem e se repitam anualmente em época previamente estipulada e divulgada com a devida antecedência!

Acredito que toda Faculdade de Odontologia, no Brasil, que possua, ainda que somente uma disciplina como centro de treinamento, tem por **obrigação**, preocupar-se com a realização de cursos relacionados com «tecnologia educacional». A Faculdade de Odontologia de Porto Alegre, tem a honra de possuir 6 disciplinas consideradas centro de treinamento, por parte da ABENO, e, anualmente se realizam tais cursos, com grande benefício, acredito eu, para o Ensino nas próprias Faculdades, cujos instrutores ali comparecem para estágio.

O ideal, evidentemente, seria que cada indivíduo que aspirasse ao magistério superior, obrigatoriamente tivesse que cursar, antecipadamente, uma série de cursos, relacionados com ensino. Isto, no entanto e, diante da realidade brasileira e me atreveria a dizer sulamericana, afastaria ainda mais os jovens da carreira do magistério, em alguns países **relativa** e em outros **realmente** mal remunerada!

Tal fato não ocorre nos Estados Unidos, em que os salários para professores de Odontologia, mesmo considerando-se os padrões mais elevados, são bastante atraentes. (11)

Gostaria de relembrar aqui, as conclusões a que chegaram eminentes educadores em Odontologia, nos Esta-

dos Unidos, num Congresso cujo Tema é o assunto deste meu relato: «Workshop on Teacher Education» (28)

PRIMEIRA: O treinamento deve abranger preferencialmente elementos jovens, os quais de um modo geral, recebem e respondem de uma forma mais favorável ao treinamento do que elementos mais antigos.

SEGUNDA: A prática de encorajar professores a assistirem cursos de treinamento para docentes, em Escolas de Filosofia, não tem sido tão útil, como em princípio se julgava. Sendo, entretanto, de valor, em alguns casos selecionados.

TERCEIRA: A experiência tem demonstrado que é mais eficiente trazer um professor de Filosofia (Didática, Lógica, Relações Humanas, Orientação Educacional, etc.) para conviver, inteirar-se, integrar-se com elementos docentes da Faculdade. Da mesma forma a sua ação será mais eficiente se se permitir a este Educador um período de orientação, razoável, de tomada de contacto, a fim de sentir as necessidades específicas das diversas facetas do Ensino de Odontologia, para então iniciar um programa de treinamento para os professores.

QUARTA: Cabe aos diretores e chefes de Departamento, incentivar, bem como permitir (liberando seus elementos docentes durante determinado período de tempo) a participação ativa dos mesmos no programa de treinamento. Este fator é de capital importância.

QUINTA: A decisão de iniciar tal programa de treinamento deve envolver todo o corpo docente.

SEXTA: O preparo inicial para por em execução bem como contratar o Educador responsável para um tal programa de treinamento, caberia a uma COMISSÃO DE ENSINO, da Faculdade. Tal Comissão deveria analisar não só a necessidade para tal programa, bem como criar uma atmosfera de receptividade para o mesmo, examinando os recursos disponíveis, neste sentido, tanto dentro como fora da Faculdade, a fim de formular ou sugerir um plano de ação.

SÉTIMA: Deverá se pressupor que um elemento docente que vá participar de um tal programa de treinamento deva ser:

- 1 — Altamente motivado para ensinar e aprender;
- 2 — Reconhecer que ensinar é uma arte e aprender uma ciência, e que nenhuma das duas é facilmente ou casualmente adquirida;
- 3 — Ter mais do que um conhecimento adequado de sua matéria específica;
- 4 — Ser receptivo a novas idéias e modificações;
- 5 — Ser interessado em estudantes como indivíduos.
- 6 — Manter uma atitude universitária; e
- 7 — Possuir atitudes e hábitos profissionais.

OITAVA: Após completar um programa de treinamento educacional, o elemento docente ficará capacitado a:

- 1 — Possuir uma compreensão da maneira pela qual se realiza o aprendizado;
- 2 — Possuir uma compreensão e conhecimentos da teoria educacional básica no que esta se relaciona à formulação de objetivos educacionais, a prática e teoria da Pedagogia, seleção de experiências de aprendizado e sua orientação, e avaliação da teoria e prática;
- 3 — Utilizar uma variedade de métodos de ensino, métodos áudio-visuais e experiências de ensino de uma forma eficiente;
- 4 — Possuir conhecimento dos recursos educacionais em sua área;
- 5 — Possuir a capacidade de avaliar de uma forma crítica, métodos, materiais e conceitos educacionais;
- 6 — Possuir maior conhecimento da dinâmica de relações humanas e de grupos;
- 7 — Uma melhor compreensão dos estudantes e seus problemas;
- 8 — Um desejo de avaliar sua própria filosofia de ensino Odontológico, de uma forma criteriosa;
- 9 — Aumentará sua auto-confiança, mantendo, entretanto, um senso de auto-crítica;
- 10 — Apreciará os benefícios de uma ampla educação geral; e
- 11 — Estará motivado a continuar seu próprio desenvolvimento através da análise crítica de suas experiências pessoais.

Numa época em que em certos países mais adiantados já se cogita seriamente na avaliação de professores e seus métodos de ensino, sendo pacífica a obrigatoriedade de cada professor se submeter a avaliação, existindo apenas dúvidas quanto aos métodos a serem utilizados, (7) não podemos mais esperar por orientações governamentais neste sentido, mas nós próprios, os professores, cheios de ideais de prestar serviços à nossa comunidade, através da educação de jovens que serão altamente benéficos à mocidade, colaborando eficientemente na solução de um importante aspecto da saúde pública.

Devemos iniciar, incentivar e organizar, se preciso fôr, em nossas próprias disciplinas, em horário extra, se fôr o caso, pequenos cursos de «tecnologia educacional». Isto se propagará nos Departamentos e, através de Conselhos Departamentais, através de Congregações ou órgãos máximos de nossas Faculdades, se tornará, em futuro próximo, obrigatório.

Não nos devemos preocupar, inicialmente, com o que **outras Faculdades** possam estar «deixando de fazer», preocupemo-nos com a **nossa** e com a melhoria na qualidade de Ensino que iremos propiciar aos **nosso**s alunos, através de um preparo ou treinamento, ainda que inicialmente, superficial mas **sistemático** e **obrigatório** de nosso pessoal docente!

SYNOPSIS

A special and specific formation for the Universities' teachers is ne-

cessary, to enable them to acquire a better understanding of the Teaching-Learning process. In Brasil, the important action of ABENO and CAPES is stressed, through the establishment of «training centers», where instructors of other Schools have the opportunity to observe, on a full-time basis, different methods,

and also to improve their knowledge in their specialized fields of interest. Training Centers are chosen by ABENO and CAPES, by the excellence of the teaching method used. It would be advisable that those training centers gave regular courses related to «educational technology», in order to improve faculties formation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALDROVANDI, CARLOS — A universidade e o homem — Seleções Odont. 18:3-9 Maio/Junho 1963.
2. BLOOM, BENJAMIN S., ed. — Taxonomy of Educational Objectives — New York, David McKay Company, Inc. 1964, XII+207 p.
3. BOYES, JOHN; LAWTON, F.E. & SCOTT, JAMES H. — Symposium: Dental Education — Brit. Dent. J. 110(1):9-16 Jan 3 1961.
4. CAMPOS, M.A. POURCHET — A Docência e a investigação científica. São Paulo, 1962, XII+198 p.
5. COMMISSION OF THE SURVEY OF DENTISTRY IN THE UNITED STATES — Dentistry in the United States: status, needs and recommendations. — Washington D.C., American Council on Education, 1960.
6. ERAUSQUIN, JORGE — Enseñanza de la odontología. Sus objetivos — Rev. Ass. Odont. Argentina 51(6):196-202 Jun. 1963
7. GUILD, ROBERT E. & NEDELSKY, LEO — Consensus report and summary on evaluation of teaching and teachers. — J. Dent. Education 31(2):214-218 June 1967
8. GUIMARÃES, PAULINO — As escolas de odontologia; sua missão. Monogr. Setembro 1959, S. Paulo 11 p.
9. ——— — O ensino odontológico no Brasil. Rev. União Odont. Brasileira 2(5):166-196 St/Out. 1961.
10. HASKSKEW, LAURENCE D. — Responsive professional education. J. Dent. Education 30(2):154-162 June 1966.
11. HOLLINSHEAD, BYRON S. — The survey of dentistry — Washington, American council on education 1961 XXXIV+603 p. (p. 305).
12. HOUSSAY, B.A. — La libertad academica y la investigacion científica en la America Latina. Rev. Odont. Argentina 43(11):469-481 Nov. 1955.

13. ——— — Problemas universitários atuais — Transcrito de: «La Prensa» de Buenos Aires, Maio de 1962.
14. KIENZELL, GEORGE J. — Reporting research results. — *J. Oral Surgery* 23(4):343-350 June 1965.
15. MANN, WILLIAM R. — Los objetivos de la educacion dental — *Rev. Ass. Odont. Argentina* 51(6):189-191 Jun. 1963.
16. MC KELVEY, LOWELL E. — Entrenamiento de profesores. ¿Porque? Y Como? — *Rev. ALAFO* 2(1):61-69 Jan. 1967.
17. MENEGALE, CID — Objetivos do ensino odontológico. — *Rev. Bras. Odont.* 24(137):219-229 Set/Out. 1965.
18. MILLER, GEORGE E. et al. — Ensino e aprendizagem nas escolas médicas (Teaching and learning in Medical School) Trad. Maria Helena Caldas de Oliveira. S. Paulo, Editora Nacional, 1967 XVII+330 p. (p. XVII).
19. OSORIO, PAULO ASSUNÇÃO — Falhas no ensino odontológico no Brasil — Tese; Congresso Univ. Panamericano de Odont. Bs. Aires, Maio 4-10 1952, 14 p.
20. PHILLIPS, RALPH W. — The impact of research on the university and graduate. *Alabama J. Med. Soc.* 1:65-69 Jan. 1964.
21. RIGATTO, MARIO — O papel das Fundações na sociedade Moderna — Monograf. 7 p. Palestra proferida no Rotary Club de P. Alegre, em 3.4.1963.
22. SCOTT, JAMES — The art and craft teaching — *Brit. Dent. J.* 103(2): 40-42 Jan, 1960.
23. SEYFERT, WARREN C. — The teachers responsibilities — *J. Dent. Education* 1(4):135-149 Apr. 1937.
24. STOREY, E. — Research as the key to teaching and the status of Dentistry in Australia. *Austr. Dent. J.* 7(1):34-41 Feb. 1962.
25. TYLER, RALPH W. — Basic principles of curriculum and instruction, Chicago, Syllabus Division 1962, The Univ. of Chicago Press, Chicago, 111, III.
26. VIEIRA, DIORACY FONTERRADA — Função social das faculdades e uma tendência deplorável. *Rev. Ass. Paulista Cir. Dent* 14:32-34 Jan/Fev. 1960.
27. WARD, MARCUS L. — The present status of post-graduate dental education and the obligations of the dental societies and schools to develop practical opportunities to obtain it. — *Ill. Dent. J.* 12(11):482-492 (con. 512) Nov. 1943.
28. WORKSHOP ON TEACHER EDUCATION — Conclusions: Teacher training and education programs. — *J. Dent. Education* 30(1):54-55 Mar. 1966.

REFERÊNCIAS ADICIONAIS RECOMENDADAS

- ALDROVANDI, CARLOS — Tempo integral, ensino e pesquisa — Bol. Fac. Odont. Araçatuba, 2(1-2):145-156 Jan-Dez. 1966.
- BATTERSON, GEORGE E. — Inservice teacher trianing university of Oregon Dental School — J. Dent. Education 30(1):34-36 Mar 1966.
- CHAVES, MARIO M. — Tendências do ensino odontológico no hemisfério ocidental. Rev. Bras. Odont. 17:512-531 Nov-Dez 1959.
- DOERR, ROBERT E. — Teacher education and teacher training School of Dentistry, University of Michigan — J. Dent. Education 30(1):40-41 Mar 1966.
- DUROCHER, ROY T. — El proceso del apredinzaje y la enseñanza de odontologia — Rev. de La ALAFO 1(1):31-37 ago. 1966.
- HOLLINSHEAD, BYRON S. — Philosophic problems of Dentistry, 1959 — J. Dent. Education 24:146-152 June 1960.
- JESERICH, PAUL H. — Dental Education in the Age of Rockets — J. Dent. Education 24(2):11-15 Mar 1960.
- LEPP, F.H.; MARTIN, B.G. & SANDER, M.O. — Docência Técnica ou Docência Universitária — Acta Odont. Venezuelana 4(2,3)250-260 Dec 1966.
- LYONS, HARRY — What is required of a Dental Teacher? J. Dent. Education 20(1):34-37 Jan 1956.
- MENENDEZ, E.B. — La election de profesores universitários. Rev. Oont. Argentina 44(7):289-291 Julio 1956.
- NEDELSKY, LEO — Curso de educação odontológica — Tercero congreso de ALAFO, Petrópolis, Brasil, Diciembre 1966, 73 p.
- PATTERSON, WILLIAM R. — Continuing educations A challegne to the profession. J. Amer. Coll. Dent. 27(1):3-26 Mar 1960.
- SAIZAR, PEDRO — Problemas técnicos en la Facultad de Odontologia de la Universidad de Buenos Aires. Revista de la ALAFO 1(1):104-106 Ago 1966.